



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

“Além das aparências”: uma análise de percepções de alunos do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia sobre vozes de cantoras

Uberlândia, abril de 2024.

LAYLA ÁQUILA FERNANDES TRINDADE

“Além das aparências”: uma análise de percepções de alunos do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia sobre vozes de cantoras

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento à avaliação da disciplina Pesquisa em Música III e do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Graduação em Música - Licenciatura, sob orientação da profa. Dra. Jaqueline Soares Marques.

Uberlândia, abril de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primordialmente a Deus por conceder-me as forças necessárias para concluir com êxito meu curso.

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Jaqueline, pela sua paciência e constante apoio ao longo desta jornada.

Não posso deixar de reconhecer o apoio incondicional e o porto seguro que foram minha família, meu pai, minha mãe e meus irmãos, cujo amor e suporte foram fundamentais. Agradeço também aos demais familiares que estiveram ao meu lado.

Além disso, expresso minha gratidão a todos os amigos que estiveram presentes ao longo desta jornada, pelo apoio, pelo incentivo pela companhia.

Reconheço e expresso minha gratidão às respeitáveis professoras que gentilmente aceitaram compor minha banca examinadora.

Manifesto minha gratidão à Poliana, minha professora de canto, pela sua incansável dedicação e constante incentivo, que me motivaram a sempre buscar o melhor de mim. Agradeço igualmente aos distinguidos docentes do Curso de Graduação em Música da UFU pelo valioso apoio oferecido, em especial àqueles com os quais tive a oportunidade de interagir durante as disciplinas.

Por fim, a todos que compartilharam desta jornada comigo, sejam familiares, amigos ou professores, saibam que estarão eternamente em meu coração, pois suas contribuições foram indispensáveis para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

RESUMO

O presente estudo analisou as percepções de estudantes do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em relação à voz, com foco na capacidade de classificação de vozes, apenas por audição ou visualização de vídeos. Teve como objetivos específicos: localizar trabalhos acadêmicos que argumentassem sobre a voz e suas características biológicas e socioculturais; realizar sessão de escuta musical com alunos do Curso de Música da UFU sobre diversas interpretações de cantoras de diferentes origens étnicas; classificar como os participantes da pesquisa categorizaram e identificaram uma cantora com base apenas na escuta das vozes; entender como os participantes categorizaram e identificaram uma cantora com base somente na visualização de vídeos (sem o áudio); desmistificar preconceitos sociais que associam a qualidade vocal a características físicas; analisar as percepções dos ouvintes sobre as vozes das cantoras escutadas. A pesquisa considerou estudos que abordam tanto a construção social quanto a construção biológica da voz, com destaque para autores como Eidsheim (2018) e Caldeira (2021), e utilizou um grupo focal para coleta de dados, inspirado em um estudo da área da Educação Musical realizado por Gonzaga (2019). Os resultados indicaram que os preconceitos relacionados à voz são construções sociais. Além disso, as referências musicais dos participantes influenciaram na classificação das vozes tanto por áudio quanto por vídeo. Espera-se que os insights obtidos possam contribuir para desmistificar preconceitos e promover uma maior sensibilização em relação à diversidade vocal e cultural. Reconhece-se que a voz não é definida pela cor da pele, mas por uma série de fatores que vão além das características físicas. Dessa forma, a pesquisa oferece contribuições significativas para a Pedagogia do Canto e para a Educação Musical, ressaltando a importância de abordagens inclusivas e sensíveis que valorizem a diversidade vocal.

Palavras-chave: Pedagogia do Canto; Educação Musical; Canto Popular; Percepção Vocal.

ABSTRACT

The present study analyzed the perceptions of students on the Federal University of Uberlândia music course in relation to voice, focusing on the ability to classify voices just by listening or watching videos. Its specific objectives were to locate academic works that argued about the voice and its biological and sociocultural characteristics; Conduct a music listening session with different interpretations of singers; Classify how participants categorized and identified a singer based only on listening to the voices; Understand how participants categorized and identified a singer based only on watching videos (without the audio); Demystify social biases that associate physical characteristics with vocal quality; Analyze listeners' perceptions of the singers' voices heard. The research considered studies that address both the social and biological construction of the voice, with emphasis on authors such as Eidsheim (2018) and Caldeira (2021), and used a focus group for data collection, inspired by a study in the area of music education carried out by Gonzaga (2019). The results indicated that prejudice related to voice are social constructions. Furthermore, the participants' musical references influenced the classification of voices in both audio and video. It is hoped that the insights obtained can contribute to demystifying preconception and promoting greater awareness regarding vocal and cultural diversity. It is recognized that the voice is not defined by skin color, but by a series of factors that go beyond physical characteristics. In this way, the research offers significant contributions to singing pedagogy and music education, highlighting the importance of inclusive and sensitive approaches that value vocal diversity.

Keywords: Vocal Pedagogy; Music Education; Popular Singing; Vocal Perception.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Colaboradores da pesquisa	p. 16
Quadro 2	Cantoras e músicas para sessões do grupo focal	p. 17
Quadro 3	Perguntas norteadoras grupo focal	p. 19

SUMÁRIO

1	Introdução	8
2	Revisão literatura.....	10
2.1	Estudos sobre raça e voz.....	10
2.2	Estudos sobre a voz como uma construção social.....	12
3	Metodologia	14
3.1	Sobre grupo focal	14
3.2	Escolha dos participantes do grupo focal.....	15
3.3	Preparando a sessão: Escolha das cantoras para escuta e visualização	16
3.4	Realização das sessões.....	17
3.5	Transcrição e organização do material coletado	18
4	Análises.....	20
5	Considerações finais.....	26

1 Introdução

Desde o início da minha jornada como cantora, sempre recebi elogios pela minha voz, porém muitos deles eram ditos relacionando as características da minha voz à cor da minha pele, o que me levava a acreditar que minha voz era diferente pelo fato de ser negra. Durante minhas apresentações performáticas em palcos sempre me pergunto: *“qual é esta diferença? Onde é notada? Na voz? No timbre? Na execução das notas?”*

Esses comentários são bastante frequentes, e quase sempre que desço dos palcos surgem alguns comentários como: *“nossa que vozeirão”, “tinha que ser negra né! a cor ajuda!”*, dentre tantos outros. Mas, hoje me pergunto: *como uma pessoa pode rotular a minha voz sem ao menos tê-la ouvido? Ou ainda, classificá-la pela cor da minha pele?*

A partir dessa inquietação, ao ser sempre abordada pelas pessoas tanto após as minhas performances nos palcos, quanto como quando me viam sem me ouvir, surgiu o interesse pelo tema relacionado à voz da pessoa negra. Nunca tinha parado para pensar que essas situações que vivia poderia ser um tema de pesquisa, mas durante a disciplina de Introdução à Pesquisa do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), diante da necessidade de um tema, decidi discutir sobre este assunto.

A partir dessa reflexão fomos discutindo, lendo e desmistificando que a voz negra não é diferente das demais por questões biológicas, como geralmente se ouve no senso comum, mas que a voz, independentemente da cor da pele da pessoa que canta, é uma construção social. Depois disso me surgiram algumas questões, tais como: Será que a voz negra realmente tem especificidades? Se sim, quais são essas diferenças que os ouvintes percebem? Será que está claro para os profissionais do canto como trabalhar com essas vozes?

Diante desses questionamentos e inquietações, me propus a desenvolver meu trabalho de conclusão de curso com essa temática, por meio da realização de um grupo focal, tendo como objetivo geral analisar as percepções de estudantes do Curso de Música da UFU que tenham proximidade com o instrumento voz, explorando a capacidade de classificarem uma voz em duas situações: apenas ouvindo e somente visualizando cantoras.

E, para responder o objetivo geral, os objetivos específicos foram: localizar trabalhos acadêmicos que argumentam sobre a voz e suas características biológicas e socioculturais; realizar sessão de escuta musical com alunos do Curso de Música da UFU sobre diversas interpretações de cantoras; classificar como os participantes da pesquisa categorizam e identificam uma cantora com base apenas na escuta das vozes; entender como os participantes categorizam e identificam uma cantora com base somente na visualização de vídeos (sem o

áudio); desmistificar preconceitos sociais que associam qualidade vocal a características físicas; analisar as percepções dos ouvintes sobre as vozes das cantoras escutadas.

Para alcançar os objetivos, a metodologia adotada incluiu a localização de trabalhos acadêmicos, a realização de sessões de escuta musical com diversas interpretações de cantoras e a coleta das percepções dos participantes sobre essas vozes com um grupo focal. A análise das respostas permitiu a discussão sobre as categorizações e identificações feitas pelos ouvintes apenas pela escuta da voz e, também, pela visualização dos vídeos.

Dessa maneira, esperou-se conhecer as diferentes abordagens sobre esse assunto, e entender diferentes posicionamentos sobre classificação de vozes, contribuindo assim para que a área da pedagogia do canto e da educação musical possa desenvolver outros trabalhos que levem em consideração a voz, o cantar como uma construção sociocultural.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. Após essa introdução na qual apresento a delimitação do tema, as questões de pesquisa, segue o segundo capítulo que traz a revisão de literatura, incluindo pesquisas que tratam de estudos sobre raça e voz e também sobre a voz como uma construção social. O terceiro capítulo apresenta a metodologia, na qual é colocada a opção pelo grupo focal, a escolha dos participantes, sobre a realização das sessões realizadas com o grupo para a coleta de dados e fechando o capítulo, informações sobre o processo de organização do material coletado. O quarto capítulo foi dedicado à análise das questões que conduziram esse estudo. Concluindo o trabalho, no quinto capítulo trago as considerações finais e as possíveis contribuições para a área da educação musical e da pedagogia do canto.

2 Revisão de literatura

2.1 Estudos sobre raça e voz

A revisão de literatura realizada para esta pesquisa partiu da leitura de algumas monografias de conclusão de curso de graduação e de especialização, e resenhas de artigos que abordaram como temática, a voz negra.

Pereira (2021) discute a relação entre raça e voz a partir de uma inquietação pessoal como cantora e mulher negra. Em sua monografia a autora apresenta seu desconforto ao sempre ser abordada no final de suas performances e, por diversas vezes, ser elogiada por ser negra e ter uma voz de cultura negroide. A partir disso, a autora faz um levantamento bibliográfico sobre a relação fisiológica entre raça e voz, e realiza também uma análise do timbre de duas cantoras brasileiras, uma negra e uma branca, a partir da performance de ambas para a mesma canção (PEREIRA, 2021 p. 4).

Diante dos resultados das análises a autora finaliza apresentando novos questionamentos e propõe discussões que ampliem essa temática, tais como,

Seria o racismo científico não uma base para o imaginário que constitui o senso comum sobre a voz negra, mas um produto dele? Que amarras conceituais ainda mantêm a comunidade negra atrelada às justificativas dos colonizadores para escravização dos sujeitos negros? O quanto a sujeição do devir negro no mundo a um imaginário essencialista atravessa as imagens ainda repetidas nos produtos culturais e mais, há limite para existência artística negra dentro desse imaginário? Proponho discussão que amplie essa reflexão, certa de que a liberdade dos sujeitos negros na pós colonialidade só será concluída quando a disputa de sentido for apontada, nomeada e encerrada e os limites do corpo e do canto estiverem adiante da cor de pele (PEREIRA, 2021 p.18).

Diante dos questionamentos propostos pela autora, entendo que o seu trabalho contribuiu com a minha pesquisa por partir das mesmas inquietudes que abordo, de que a cor da pele não é determinante para a maneira de se cantar.

Outro trabalho que pude ter acesso, e que também trata sobre o tema, foi o de Pimenta (1999). A autora realizou um extenso levantamento bibliográfico que apontou importantes variações existentes na raça negra, que engloba principalmente as áreas da “laringologia, acústica, ortodontia e dermatologia”¹. Segundo a autora, essas variações são, “possivelmente,

¹ No original: “Laringology, acoustic, ortho, dermatology....”

uma premissa para a compreensão deste padrão vocal tão diferenciado” (PIMENTA, 1999 p. 11).

Nos resultados do seu estudo a autora afirma que “a voz do negro parece revelar um ‘pitch’ mais rebaixado, ‘loudness’ aumentado e qualidade vocal levemente, rouca, áspera ou soprosa. Estes aspectos vocais teriam seus correspondentes fisiológicos, anatômicos e acústicos (PIMENTA, 1999 p.23).

Ela também aponta que pode haver diferenças vocais que são mais evidentes nos negros africanos do que nos negros americanos e que podem ser justificadas “pelos efeitos da miscigenação, dialetos diferentes e características particulares de cada grupo” (PIMENTA, 1999 p. 23). Concluindo o trabalho, a autora menciona que mais pesquisas devem ser feitas para validar as relações que foram encontradas em sua pesquisa.

Ribeiro Júnior (2009) fez uma resenha do livro “História de Cantoras Negras”, de autoria do historiador e jornalista Ricardo Santhiago (2009). O autor entrevistou treze cantoras negras brasileiras e as entrevistadas retrataram a consciência e as marcas da negritude. As cantoras contam sobre experiências de discriminação racial nas quais foram envolvidas ao longo da vida. A entrevistada Zezé Motta² conta que sempre rejeitou o rótulo de sambista pois sempre foi chamada para gravar samba por ser negra. Como lembra Zezé Motta: “[...] sempre rejeitei o rótulo de sambista, não porque tivesse algo contra o samba, mas porque sabia que a gravadora queria que eu gravasse samba por ser negra.” (RIBEIRO JÚNIOR, 2009, p. 3).

Diante deste cenário, as entrevistadas destacaram a importância da inclusão e o mérito de serem protagonistas do próprio sucesso independente de cor ou raça na cena musical brasileira.

É certo que a análise dos trabalhos revisados oferece insights valiosos sobre a interseção entre raça e voz. Desde as reflexões pessoais de Pereira (2021) até as descobertas de viés biológico de Pimenta (1999) e as experiências compartilhadas por cantoras negras brasileiras, cada estudo contribui para uma compreensão mais profunda e complexa desse tema. A diversidade de perspectivas apresentadas ressalta a importância de uma abordagem completa e inclusiva ao discutir a voz negra, promovendo assim uma maior conscientização e valorização da diversidade vocal em nossa sociedade.

² Maria José Motta de Oliveira, mais conhecida como Zezé Motta, é uma atriz e cantora brasileira, expoente da cultura afro-brasileira. Zezé já ganhou inúmeros prêmios, incluindo um Troféu Candango pelo Festival de Brasília, e um Prêmio Air France, além de ter recebido indicações para três prêmios Grande Otelo e um Prêmio Guarani CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeze_Motta. Acesso em: 14 março 2024.

2.2 Estudos sobre a voz como uma construção social

Para Caldeira (2021) a voz possui “três letras e três fonemas que, juntos, quer na leitura, quer na escuta, ou em qualquer dos âmbitos que a linguagem pode assumir, evocam um grande conjunto de significados” (p. 16).

A voz que usamos não é algo que nasce conosco, mas algo que aprendemos e adaptamos ao longo da vida, de acordo com o que nossa sociedade considera adequado. A voz é uma construção social que reflete as normas e expectativas culturais. Autores, como Bento (2006 apud CALDEIRA 2021), destacam que a voz já nasce configurada pela cultura, sendo moldada pelas construções sociais e pelas representações sociais do que é considerado adequado ou desejável em termos vocais.

Fato é que a voz, em suas mais variadas definições,

é uma ação ou o produto de uma ação humana e, sendo um produto humano, a voz está “encharcada” de significados e sentidos socioculturalmente construídos e convencionados no decorrer da história da música. Assim, é possível que a voz seja tomada como algo que é construído socialmente, isto é, os usos que se faz da voz são aprendidos na relação com o outro e na relação com a sociedade (CALDEIRA, 2021, p. 17).

A percepção da voz é profundamente influenciada por construções sociais, que moldam não apenas as características físicas da voz, mas também as expectativas em torno de como ela deve ser utilizada e interpretada. Estudos demonstram como as vozes são racializadas, por exemplo, “na era *antebellum* nos Estados Unidos, a voz dos escravos foi inicialmente interpretada como uma prova de sua sub-humanidade, mas posteriormente foi corrigida como uma expressão de negritude, negociada no mercado da cultura negra” (RADANO, 2003 apud EIDSHEIM 2018, p. 18³).

Para Eidsheim (2018), o “timbre vocal não existe a priori, mas é moldado por forças culturais”. Em outras palavras “o fator decisivo para aprimorar o potencial de cada voz e desenvolver expertise em uma área timbrística não é uma preferência individual, mas pressão

³ No original: What the seemingly objective measuring and naming of the symbolic really allows is manifestation of the power dynamic at play — and that manifestation then takes on a life of its own. In the antebellum era, slave owners and non slaves began to hear the sounds of slaves’ voices as a distinct vocal timbre, first in what was understood as self-exclusion and evidence of subhumanness (EIDSHEIM, 2018, p. 115).

coletiva”. Para a autora, as aprendizagens de como usar a voz “tendem a ser desenvolvidas com base em preferências coletivas e não singulares”⁴ (p. 115).

Para tanto reconhecer a voz como uma construção social implica compreender que sua formação e interpretação são transformadas por construções culturais e sociais.

⁴ No original: Thus far I have considered a number of ways in which formal and informal pedagogies shape human bodies and vocal practices, focusing on timbre. First, considering classical vocal pedagogy, I showed that vocal timbre does not exist a priori but is shaped by cultural forces (EIDSHEIM, 2018, p. 115).

3 Metodologia

3.1 Sobre grupo focal

Para dar continuidade a pesquisa foi necessário definir qual seria o instrumento de coleta de dados. Num primeiro momento esboçamos perguntas elaborando um formulário no *Google forms*, pois tínhamos a intenção de utilizá-lo exclusivamente para que os participantes ouvissem as cantoras sem a visualização do vídeo e o respondessem, porém ao longo do processo envolvendo a escolha dos vídeos, percebemos que somente este instrumento não seria adequado ou até mesmo suficiente para dar conta de responder à questão de pesquisa. Vimos também que o formulário poderia limitar os participantes na sua expressão sobre as percepções das escutas das cantoras.

Diante disso optamos por mudar a metodologia e utilizar o grupo focal. Essa mudança se deu, pois entendemos que seria melhor para conseguir responder os objetivos deste trabalho. Morgan (1997 apud TRAD 2009) define grupos focais como “uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais” (p.780). Para Kitzinger (2000 apud TRAD 2009), o grupo focal é “uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação” e seu principal objetivo é “reunir informações detalhadas sobre um tópico específico [...] a partir de um grupo de participantes selecionados”. Por meio do grupo focal é possível “colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços” (TRAD, 2009, p. 780).

Com essa mudança, foi necessário conhecer outros trabalhos na Educação Musical que já utilizaram o grupo focal. Gonzaga (2019), em sua dissertação de mestrado, estudou as relações que “diferentes grupos etários estabelecem com a música no contexto da Educação de Jovens e adultos (EJA). Para realizar esse estudo a autora fez observações livres e um grupo focal que tinha como objetivo

revelar as construções individuais e ou coletivas sobre elementos musicais dos repertórios trazidos pelos alunos que frequentam a EJA; identificar relações desses alunos com a música e como lidam e/ou são interpelados pela categoria de geração imersos nesse contexto geracional; compreender essas relações que jovens e adultos estabelecem com a música perpassadas por fatores de classe social e de gênero; e discutir se e como essas relações estão associadas às experiências musicais desses alunos (GONZAGA, 2019, p. 8).

Barbour (2009 apud Gonzaga 2019) afirma que “quando os métodos escolhidos não se ajustam com o campo ou com o que se busca, então, serão adaptados novos métodos ou novas abordagens serão desenvolvidas” (p. 13). Segundo Kitzinger e Barbour (1999 apud Gonzaga, 2019), “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo” (p. 21).

Entende-se, então, que a técnica de grupo focal, segundo Cardano (2017 apud Gonzaga 2019, p. 58), consiste no “estímulo que o moderador (pesquisador) proporciona a um determinado grupo para que ocorra a interação entre os participantes, ou seja, que esses conversem entre si em vez de somente interagir com o pesquisador”. Portanto, o grupo focal é “[...] dirigido à geração e ao apoio de uma discussão de grupo” (CARDANO, 2017, apud GONZAGA, 2019, p. 58).

Sendo assim, na minha pesquisa, realizei o grupo focal com seis participantes com o propósito de analisar as percepções de estudantes do curso de música da UFU que tenham proximidade com o instrumento voz, explorando a capacidade deles de classificarem uma voz em duas situações: apenas ouvindo e somente visualizando cantoras.

3.2 Escolha dos participantes do grupo focal

Quando começamos as discussões sobre quem poderia ser os colaboradores da pesquisa, pensamos na possibilidade de ser alguns alunos que participam do percurso formativo em Canto no Curso de Música da UFU ou que fosse do percurso em Música Popular, mas que tivesse o Canto como instrumento de estudo.

Diante da quantidade de alunos fiz uma seleção e entrei em contato via *WhatsApp* e também pessoalmente, a fim de saber aqueles que teriam a disponibilidade para participar das sessões. Todos foram bem solícitos, mas alguns não puderam comparecer, pois os horários pré-definidos para acontecer as sessões não eram compatíveis com suas agendas.

Ao fim do processo, seis alunos se colocaram à disposição para participarem das sessões e contribuírem com a pesquisa. Os participantes foram nomeados com nomes fictícios a fim de manter a ideia do grupo focal que é somar as percepções dos participantes sobre um tema, e, também, para preservar suas identidades.

Quadro 1: Colaboradores da pesquisa

Colaborador	Idade	Percurso formativo
Participante 1	29 anos de idade	Canto/Licenciatura
Participante 2	26 anos de idade	Canto/Bacharelado
Participante 3	29 anos de idade	Canto/Licenciatura
Participante 4	28 anos de idade	Canto/Licenciatura
Participante 5	33 anos de idade	Canto/Licenciatura
Participante 6	20 anos de idade	Música popular/Licenciatura

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

3.3 Preparando a sessão: escolha das cantoras para escuta e visualização

Como o objetivo do grupo focal era que fosse possível analisar as percepções de estudantes do Curso de Música da UFU que tivessem proximidade com o instrumento voz, explorando a capacidade de classificarem uma voz em duas situações: apenas ouvindo e somente visualizando cantoras, era necessário que fizéssemos uma seleção de cantoras para serem apresentadas aos colaboradores.

Para a seleção das cantoras, a cada semana, nos dedicávamos a um processo no qual cada uma de nós (minha orientadora e eu) escolhíamos determinadas intérpretes, e apresentávamos uma à outra sem a visualização do vídeo, apenas com base na audição. Logo após as audições, discutíamos as impressões acerca dessas cantoras, abordando aspectos como características físicas, qualidade timbrística, dentre outros. Essa etapa do processo foi divertida, mas muito complexa, pois inicialmente começamos a pesquisar por vozes concentrando-nos em gêneros musicais muito ligados à considerada *Black Music*, já que no início da construção do projeto esse era o objetivo. Como nos demos conta desse fato, buscamos não priorizar somente um estilo musical e procurar estilos variados e com cantoras de diferentes nacionalidades e com interpretações vocais diversas. Ao final, foram selecionadas seis cantoras e uma música de sua interpretação, sendo que em cada sessão do grupo focal apresentamos três músicas em vídeo e/ou áudio.

Quadro 2: Cantoras e músicas para sessões do grupo focal

Cantoras: somente audição	Cantoras: somente visualização
Chrissy Metz ⁵ Música: I'm Standing With You ⁶ Composição: Diane Warren	Lilli Lewis ⁷ Música: My American Heart ⁸ Composição: Lilli Lewis
Sass Jordan ⁹ Música: Make You a Believer ¹⁰ Composição: Sass Jordan	Stefanie Quintin ¹¹ Música: Modinha ¹² Composição: Jayme Ovalle e Vinicius de Moraes
Youn Sun Nah ¹³ Música: Lento ¹⁴ Composição: Francesco De Gregori	Tania Wells ¹⁵ Música: Gulon Mein Rang Bhare ¹⁶ Composição: Faiz Ahmed Faiz

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

3.4 Realização das sessões

⁵ Chrissy Metz é uma atriz e cantora americana, mais conhecida por seu papel como Kate Pearson na premiada série de TV "This Is Us". Além de sua carreira na atuação, Metz também é uma defensora da positividade corporal e da aceitação de si mesmo. Ela compartilha abertamente sua jornada pessoal com o peso e a autoaceitação, inspirando muitos com sua autenticidade e mensagem de amor próprio. CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chrissy_Metz. Acesso em: 14 março 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7CH19cB-m8>. Acesso em: 12 out. 2023.

⁷ Lilli Lewis é uma cantora, compositora e pianista americana, reconhecida por sua voz poderosa e estilo musical diversificado. Originária da cidade de Nova Orleans, ela incorpora uma variedade de influências em sua música, incluindo soul, jazz, blues e folk. Lewis é elogiada tanto por suas habilidades musicais quanto por suas letras profundas e introspectivas, que frequentemente abordam questões sociais e experiências pessoais. Disponível em: <https://www.lillilewis.com/2022/bio/>. Acesso em: 14 março de 2024.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o72skNXbaXk>. Acesso em: 12 out. 2023.

⁹ Sass Jordan é uma cantora, compositora e atriz canadense, reconhecida por sua poderosa voz e estilo único. Ela alcançou grande sucesso nos anos 90 com hits como "Make You a Believer" e "High Road Easy". Ao longo de sua carreira, ela recebeu vários prêmios, incluindo o Juno Award, o principal prêmio da música canadense. Além de sua música, Jordan também é conhecida por sua participação como jurada no programa de talentos "Canadian Idol". Sua influência e talento continuam a inspirar uma nova geração de artistas. CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Sass_Jordan. Acesso em: 14 março 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KL7Z4RIosrI>. Acesso em: 12 out. 2023.

¹¹ Stefanie formou-se em Pedagogia Vocal e Performance pela Universidade das Filipinas; é Mestre em Performance Musical Contemporânea pela Universidade da Califórnia em San Diego. Estudou com a National Artist for Music Fides Cuyugan-Asensio, Rica Nepomuceno, Ena Aldecoa, Arthur Espiritu, Susan Narucki e Christopher Arceo. Disponível em: <http://www.stefaniequintin.com/biography.html>. Acesso em: 14 março de 2024.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FIKq35reSY>. Acesso em: 12 out. 2023.

¹³ Mais informações sobre a cantora estão disponíveis em seu perfil no Instagram: [Youn Sun Nah \(@younsunnahofficial\)](https://www.instagram.com/younsunnahofficial/) • Fotos e vídeos do Instagram. Acesso em: 14 março 2024

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l4-rJoORYY4>. Acesso em: 12 out. 2023.

¹⁵ Mais informações sobre a cantora estão disponíveis em seu perfil no Instagram: [Tanya Wells \(@tanyawellsvoice\)](https://www.instagram.com/tanyawellsvoice/) • Fotos e vídeos do Instagram. Acesso em: 14 março 2024

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lw-ZrBb7URY>. Acesso em: 12 out. 2023.

As sessões com o grupo focal foram realizadas no LAPEM (Laboratório de Ensino, Estudos e Pesquisa em Educação Musical). Aconteceram duas sessões com duração média de 60 minutos cada. Na primeira compareceram seis colaboradores e na segunda cinco, pois um participante não pôde estar presente por motivo de trabalho.

Para registrarmos a sessão utilizamos dois aparelhos celulares com o aplicativo “Gravador” que foram posicionados a frente dos participantes, no meio da sala. Antes de iniciar as gravações, os participantes foram informados de que a conversa seria gravada e que se possível não falassem ao mesmo tempo, pois posteriormente o material seria transcrito para ser analisado. Também foram utilizados um tablet, um data show e uma caixa de som para mostrar os materiais selecionados (vídeos).

Barbour (2009 apud GONZAGA 2019, p. 67) ressalta que “é essencial, de início, explicar o propósito do grupo e reforçar que tudo será anônimo, além de assegurar a concordância dos membros do grupo de que eles respeitarão a confidencialidade”, portanto antes de iniciar cada sessão o grupo foi informado de como seriam conduzidas as atividades.

Na primeira sessão a proposta foi que eles fizessem somente a escuta das vozes das cantoras, sem a visualização das mesmas e, somente ao final, eles puderam ouvir e ver as vozes ao mesmo tempo. No início, os colaboradores se viram desafiados a descrever aspectos físicos das cantoras sem ter acesso a suas imagens visuais, eles discutiram suas percepções, compartilharam diferentes comparações de estilos de interpretação.

Na segunda sessão foi proposto que os participantes do grupo focal assistissem às apresentações das cantoras, porém sem o áudio das vozes. Essa análise invertida desafiou os participantes a se concentrarem exclusivamente nas expressões visuais das intérpretes. Durante a sessão, os participantes observaram as expressões faciais, gestos corporais, postura e outras características das cantoras.

Durante as sessões os participantes se divertiram com as conversas e as indagações dos vídeos e áudios, várias foram as impressões, muitos expressaram surpresa ao descobrirem como suas percepções sobre as vozes podiam ser influenciadas pelas expressões visuais das intérpretes. Essa análise proporcionou uma reflexão interessante sobre a interação entre elementos visuais e sonoros na apreciação da música e na formação de impressões sobre as cantoras.

3.5 Transcrição e organização do material coletado

Depois de realizadas as sessões, os áudios foram transcritos. Utilizei o aplicativo gravador do *Iphone* para auxiliar nas transcrições, porém foi necessário revisar as falas, pois em determinados momentos os participantes falaram ao mesmo tempo, e somente depois de muita escuta, ouvir o áudio lento, consegui compreender melhor.

Considerei importante eu mesma fazer a revisão e ouvir os áudios e corrigir as transcrições, pois, apesar de ser muito trabalhoso, foi um momento de lembrar como foram as reações dos colaboradores nas duas sessões.

Na textualização dos dados não utilizei os nomes reais dos colaboradores, utilizei a nomenclatura como está descrita no Quadro 1 (vide p. 16).

Para organizar o material, tomei como base as perguntas que foram norteadoras no momento da sessão:

Quadro 3 - Perguntas norteadoras grupo focal

Perguntas para visualização dos vídeos	Perguntas para a audição dos vídeos
<ul style="list-style-type: none"> - Qual gênero musical você acha que esta cantora está interpretando? - A partir da visualização do vídeo, como você descreveria a voz desta cantora? - Você acha que esta cantora é de qual nacionalidade? - Por que você descreve essa voz assim? 	<ul style="list-style-type: none"> - Como descreve essa cantora fisicamente? (Altura, cor da pele, cor do cabelo tamanho do cabelo) - Por que você a descreve assim? - Você acha que esta cantora é de qual nacionalidade? - Qual a idade você acha que esta cantora tem?

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

4 Análise

Quando se trata de classificar uma voz como feminina ou masculina, muitas foram as impressões que os participantes do grupo focal tiveram. Quando somente escutaram as vozes das cantoras, alguns acharam difícil descrever as características físicas apenas pela voz. E em alguns momentos levantaram o questionamento se aquela voz era realmente de uma cantora e não de um cantor, como podemos ver num trecho desse diálogo:

Participante 1: No início eu imaginei que seria um cantor.

Participante 2: Parecia... ficou parecendo que era uma voz masculina.

Participante 5: Acho que é uma voz feminina.

Participante 2: Não... espera aí! Mas elas já falaram que são cantoras?!

Pesquisadora: Sim, são cantoras!

Orientadora: São cantoras, mas isso é interessante, que vocês tiveram a percepção que talvez pudesse ser uma voz masculina.

E quando somente viram as expressões das cantoras, os participantes também tiveram dificuldades, pois traziam muitas concepções que relacionam tipo vocal a características físicas, como por exemplo, *mulheres pequenas são sopranos, mulheres que são altas são mezzo ou contralto*

Participante 2: Se pudesse ver o corpo dela inteiro (risos)...

Pesquisadora: E vocês acham que é *mezzo* pelo que? pelo rosto?

Participante 4: Pela estatura.

Participante 2: O rosto mais na vertical.

Essa situação de associar classificação vocal com características físicas também surgiu quando somente estavam ouvindo:

Participante 4: Bom, eu acho que ela não é pequena. É média, alta

Pesquisadora: Mas você fala da estatura mesmo? média alta?!

Participante 1: Mestiça e alta.

Participante 5: Acho que ela tem uma estrutura grande, não necessariamente “gordinha”.

Participante 2: Soprano, “pititinha”.

Todos os participantes dos trechos anteriores estão no percurso de formação em canto no curso de música, e nessa formação vão ampliando a variedade de termos técnicos ligados à técnica vocal, porém, não existe um consenso entre eles. Para Travassos (2008), os termos utilizados para descrever vozes e estilos de canto não são uniformes. As categorias verbais tradicionalmente utilizadas na análise musical estão fortemente ligadas à tradição operística,

refletindo a história do canto na Europa e a influência do teatro musical (p. 19). Segundo a autora, “o vocabulário técnico que o canto ‘erudito’ gerou é parte mesma da normatização técnica e estética que ele implica” e adaptar suas categorias a outros tipos de canto e vocalização é “menos ingênuo do que realmente complicado: seria preciso, a cada passo, fazer a arqueologia das noções, compreender os valores aos quais estão atadas, e só então dotá-las, talvez, de outros significados (p. 19).

Nesta outra situação os participantes discutiram sobre a aparência e a suposição da nacionalidade de uma cantora com base apenas em sua voz. Muitos demonstraram incerteza como podemos ver nestes trechos de indagações dos participantes:

Participante 2: Quando ela deu a primeira nota me veio na cabeça que seria uma mulher preta. Depois eu falei: *ah não sei...*

Participante 4: Eu acho que não é...

Pesquisadora: Você acha que não é preta?

Participante 4: Não é negra.

Participante 3: Eu fiquei na dúvida...

Participante 2: Mas é difícil falar assim...

Participante 4: Eu estou falando qualquer coisa (risos).

Participante 5: Eu chuto que ela é branca. Imaginei ela bem branca!

Participante 1: Mestiça. Alta, acho que ela é branca, não é negra, me lembrou muito *Miley Cyrus*¹⁷, esses drives das brancas.

Participante 2: Ou mais pelo estilo, isso é um *rock*? não tenho referência de cantoras pretas no *rock*, não sei se vocês têm.

Participante 5: Eu acho que é uma negra.

Participante 4: Se eu tivesse que falar?! *Miley Cyrus* assim...

Participante 5: Eu diria que é negra, mais velha, assim tipo *Tina Turner*¹⁸.

Durante as discussões do grupo focal, os participantes compartilharam suas percepções e impressões sobre a aparência física e características da cantora *Sass Jordan*, baseando-se somente em sua voz. As percepções dos participantes foram compartilhadas com base em suas próprias referências e experiências musicais pessoais, formando uma

¹⁷ Miley Ray Cyrus, nascida Destiny Hope Cyrus (Nashville, 23 de novembro de 1992), é uma cantora, compositora e atriz estadunidense. Tornou-se mundialmente popular por interpretar Miley Stewart/Hannah Montana na famosa série do Disney Channel Hannah Montana. Em 2008, Miley foi eleita pela revista americana Time como uma das 100 famosas mais bem pagas do mundo. Como cantora, já vendeu mais de 20 milhões de álbuns mundialmente. CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Miley_Cyrus. Acesso em: 14 março 2024.

¹⁸ Tina Turner, nascida Anna Mae Bullock (Brownsville, 26 de novembro de 1939 – falecimento em Küssnacht, 24 de maio de 2023), foi uma cantora nascida nos Estados Unidos. Amplamente referida como a "Rainha do Rock 'n' Roll", ganhou destaque como vocalista da dupla Ike & Tina Turner Revue, antes de lançar uma carreira de sucesso como artista solo. Turner renunciou à cidadania americana em 2013 e morou na Suíça de 1995 até à sua morte, no ano de 2023. CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tina_Turner. Acesso em: 14 março 2024.

compreensão subjetiva e individual sobre a cantora em questão. O participante 1 opinou que a cantora que estava sendo ouvida era “mestiça e alta” porque lembrou uma outra referência auditiva que ele tinha de uma cantora chamada “*Miley Cyrus*”.

Já a participante 5 achou que a voz lembrava a da cantora “*Tina Turner*” e por isso, baseada nessa referência de escuta, opinou que a cantora era “negra e mais velha”. De acordo com Eidsheim (2018), “a característica da voz não se baseia em qualidades biológicas ou matérias inatas ou essenciais, mas que um determinado timbre vocal é resultado da enculturação de um corpo por meio do treinamento¹⁹” (p. 178).

O grupo expressou várias opiniões sobre a voz e a identidade da cantora em discussão. Alguns participantes mencionaram que a sonoridade da voz poderia ser associada à cultura negra inglesa, devido à forma de fala e certos ajustes vocais. Além disso, houve menção a elementos como a articulação, a dicção e o uso do inglês, que levaram à especulação sobre sua origem. Essa situação pôde ser vista quando a participante 5 disse que o que a fez falar que era uma cantora negra inglesa foi “a linguagem, a forma de falar tipo “*we all*” [imitando a pronúncia] no inglês [que] tem um jeito cantado diferente na cultura negra inglesa. No inglês norte americano não, então, poderia ser uma branca que cresceu num ambiente negro, mas eu associo a isso.”

Além disso, a voz da cantora foi descrita como nasal e com possíveis influências de diferentes estilos musicais, como o *country* e o *rock*. Houve debates também sobre a classificação vocal, com sugestões que iam desde soprano até *mezzo* e contralto, e uma ênfase na dinâmica vocal, sugerindo que a cantora estava se apresentando de forma mais suave e com espaço para improvisação.

Durante a sessão somente com a audição das vozes, os participantes expressaram uma variedade de percepções sobre a voz em questão. Desde a sugestão inicial de ajustes feitos pela cantora até debates sobre possíveis influências culturais, como a referência ao estilo *yodel* e ao *country*.

Participante 1: Acho que ela quis fazer ajustes.

Participante 2: A segunda voz que está fazendo... parece uma voz jovem, aí fico pensando: será que é uma dupla? Uma pessoa mais velha e uma mais nova?

Participante 3: Eu imaginei um coro.

Participante 3 Não sei... eu pensei muito em *Yodel* que é uma cultura que gosto bastante... esse estilo mais *country*. Assim, eu gosto bastante, e não

¹⁹ No original: In considering the ways in which vocal training is not immune to deep-seated assumptions about a given singer’s essential nature, we can determine that a voice’s character is not based on innate or essential biological or material qualities but that a particular vocal timbre is the result of a body’s enculturation through training (EIDSHEIM, 2018, P. 178)

sei, talvez uma “seda” na voz ali assim me lembrou bastante cantoras negras que eu ouço bastante.

Participante 1: tem uns ajustes que a Lady Gaga²⁰ faz no *rock* que me fez pensar mais ainda que era uma cantora branca, Estilo *Bonnie Tyler*,²¹ o que também, na época, o pessoal também achava que era uma cantora negra, assim uma voz mais pesada.

Eidsheim (2018) ressalta a natureza simbólica do som e sua associação com estereótipos vocais. Ela sugere que a “percepção auditiva é influenciada por conceitos pré-concebidos sobre como certos grupos étnicos ou culturais soam²²” (p. 60).

Em uma outra situação quando somente assistimos a cantora *Tania Wells* a discussão se estendeu à linguagem, com suposições de que o idioma da música poderia ser árabe ou indiano. Eles observaram que a voz da cantora poderia ser de uma tonalidade mais grave, influenciada pelos gestos que ela empregava durante o vídeo. Essas reflexões estimularam um interesse significativo e geraram especulações dentro do grupo sobre a nacionalidade da cantora e sua expressão vocal.

A percepção da voz vai além de simples características físicas ou técnicas; ela é influenciada por uma série de fatores, incluindo experiências passadas, associações culturais e expectativas individuais. Portanto, ao ouvir uma voz, os ouvintes trazem consigo uma bagagem de suposições e preconceitos que moldam sua percepção da “natureza da voz”.

Nesse sentido, a análise das percepções dos participantes amplia o olhar para o processo complexo de interpretação e classificação vocal, revelando as particularidades de cada voz à forma como as pessoas entendem e atribuem significado à voz humana.

²⁰ Lady Gaga, nascida Stefani Joanne Angelina Germanotta em 28 de março de 1986, em Nova Iorque, é uma cantora, compositora e atriz. Ela alcançou fama internacional com o lançamento de seu álbum de estreia "The Fame" em 2008, seguido por uma série de sucessos como "Just Dance" e "Poker Face". Além de sua carreira musical, Gaga recebeu aclamação por seu trabalho como atriz, especialmente em "Nasce uma Estrela" (2018), pelo qual ganhou um Oscar. Sua influência na cultura pop e seu ativismo em questões sociais a tornaram uma figura icônica da indústria do entretenimento CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lady_Gaga. Acesso em: 14 março 2024.

²¹ Bonnie Tyler, cujo nome verdadeiro é Gaynor Hopkins, nasceu em 8 de junho de 1951, em Swansea, País de Gales. Ela é uma cantora e compositora britânica conhecida por sua voz distintiva e poderosa. Tyler ganhou fama internacional na década de 1970 com músicas como "It's a Heartache" e "Lost in France". No entanto, foi com o lançamento da balada épica "Total Eclipse of the Heart" em 1983 que ela alcançou enorme sucesso, tornando-se um ícone da música pop. Ao longo de sua carreira, Tyler continuou a gravar álbuns e a se apresentar ao redor do mundo, mantendo sua reputação como uma das grandes vozes da música pop. CONTEÚDO aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bonnie_Tyler. Acesso em: 14 março 2024.

²² No Original: It underscores the symbolic nature of sound and its association with vocal stereotypes. She suggests that "auditory perception is influenced by preconceived concepts about how certain ethnic or cultural groups sound (EIDSHEIM, 2018, p.60).

Pesquisadora: Vocês achavam que ela era negra por quê?

Participante 1: Por conta da sonoridade da voz dela.

Participante 2: Uma voz mais encorpada, também... então, uns graves encorpados, uma voz mais redonda.

Participante 4: É tipo o *Elvis Presley* quando saiu. Assim, todo mundo achava que era negro, não sei se é o jeito de cantar... a cor da voz... algo assim.

A discussão reflete a variedade de percepções dos participantes em relação a voz em análise, pois “ao ouvir uma voz, a pessoa também traz uma série de suposições sobre a “natureza da voz”²³ (Eidsheim, 2018 p. 28).

Ao entrarmos na discussão sobre as percepções dos participantes em relação às vozes das cantoras, ao serem questionados sobre a caracterização da voz das cantoras que estavam vendo, os participantes expressaram uma diversidade de opiniões. Enquanto alguns descreveram a voz como leve e lírica, outros sugeriram um timbre mais escuro e suave. A análise das características vocais também foi enriquecida por observações sobre a articulação e expressão facial das intérpretes durante as apresentações. Essas trocas de ideias e interpretações refletem a complexidade da percepção auditiva e visual na apreciação da performance vocal, evidenciando a influência de fatores como trato vocal, posicionamento e qualidade timbrística na formação das impressões dos ouvintes. As percepções visuais sobre a cantora Stefanie Quintin foram distintas:

Pesquisadora: Mas vocês acham que é uma voz mais robusta, mais grave, mais forte?

Participante 3: Eu pensei numa voz bem leve.

Participante 6: Eu também, bem leve.

Participante 2: Mais leve, soprano.

Participante 2: Lírico.

Participante 3: Lírico.

Orientadora: Por que vocês acham que é lírico?

Participante 5: Posição...

Participante 3: Articulação tem um trato vocal com bastante espaço, as caretas que a gente faz também, então trago da minha experiência...

Orientadora: Como vocês acham que pode ser o timbre dela? Por que vocês falaram de classificação como soprano? Mas e o timbre?

Participante 2: Mais escuro. não sei...

Participante 3: Eu senti uma coisa suave.

Participante 3: Eu imaginei uma voz cheia, porém suave sabe?!

Participante 2: Principalmente os espaços, têm muitas vogais que parece que dá para identificar. Ou então é uma língua que parece ser sem nada de nasal.

²³ No original: When hearing a voice, the person also makes a number of assumptions about the "nature of the voice" (EIDSHEIM, 2018, p. 28).

Com base na análise realizada, parece evidente que a percepção auditiva e visual da voz é complexa e subjetiva, refletindo a diversidade de referências culturais e experiências individuais dos ouvintes. Os participantes demonstraram dificuldade em categorizar vozes apenas com base na sonoridade e na visualização, revelando a influência de estereótipos culturais na interpretação de características étnicas, estilísticas e classificação vocal das cantoras analisadas. Portanto, reconhecer a natureza subjetiva da percepção auditiva é crucial para uma compreensão mais ampla da diversidade e complexidade das vozes humanas, promovendo uma apreciação mais inclusiva e respeitosa da música e de seus intérpretes.

5 Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as percepções de estudantes do Curso de Música da UFU que tenham proximidade com o instrumento voz, explorando a capacidade de classificarem uma voz em duas situações: apenas ouvindo e somente visualizando cantoras.

Como objetivos específicos, me propus a localizar trabalhos acadêmicos que argumentassem sobre a voz e suas características biológicas e socioculturais; realizar sessão de escuta musical com alunos do Curso de Música da UFU sobre diversas interpretações de cantoras de diferentes origens étnicas; classificar como os participantes categorizam e identificam uma cantora com base apenas na escuta das vozes; entender como os participantes categorizam e identificam uma cantora com base somente na visualização de vídeos (sem o áudio); desmistificar preconceitos sociais que associam características físicas a qualidade vocal; analisar as percepções dos ouvintes sobre as vozes das cantoras escutadas.

A pesquisa considerou estudos que abordam tanto a construção social quanto biológica da voz, destacando as contribuições de autores como Eidsheim (2018) e Caldeira (2021). A coleta de dados se deu por meio de um grupo focal, inspirado em um estudo na área da Educação Musical realizado por Gonzaga (1999).

A partir da interpretação dos dados coletados no grupo focal, os resultados revelaram que as percepções relacionadas à voz negra são construções sociais, e que a cor da pele não determina características vocais. Os dados mostraram que as referências de outras escutas musicais dos colaboradores impactaram no momento da classificação das vozes tanto escutadas, tanto como no momento que viram as cantoras sem ouvirem suas vozes.

Espera-se que a compreensão sobre a construção social da voz contribua para desmistificar e promover uma maior sensibilização em relação à diversidade vocal e cultural. É fundamental reconhecer que a voz não é definida pela cor da pele, mas sim por uma série de fatores que vão além de características físicas e sonoras. Assim, esta pesquisa oferece insights para a área da Pedagogia do Canto e da Educação Musical, destacando a importância de abordagens inclusivas e sensíveis que valorizem a diversidade vocal.

Referências

CALDEIRA, B. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. 205f. Dissertação (Mestrado em Música). UFU, Uberlândia, 2021.

EIDSHEIM, N. S. *The race of sound: listening, timbre, and vocality in African American music*. Durham: Duke University Press, 2018.

GONZAGA, J. A música na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola, 2019. 171f. Dissertação (Mestrado em Música). UFU, Uberlândia, 2019.

PEREIRA, C. S. T. Canto Negro? Reflexão sobre a diferenciação interracial física a partir de análises vocais. Monografia (Pós graduação em Pedagogia vocal) - Faculdade Santa Marcelina. São Paulo, p, 21. 2021. Disponível em: Acesso em: 15 de jun de 2022.

PIMENTA, J. *A voz do negro*. 1999.(33). Monografia (Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica - CEFAC), Salvador, 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14636495-Janaina-pimenta-de-oliveira-a-voz-do-negro.html>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

RIBEIRO JÚNIOR, F. P (2010). Solistas Dissonantes: história (oral) de cantoras negras. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2009. *Caderno Espaço Feminino*, 23 (1/2). Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/12240>>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

TRAVASSOS, E. Um objeto fugidio: voz e “musicologias”. In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elisabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Orgs.). *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. p. 99-123.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 777–796, 2009.